

## PENTECOSTALISMO EM BELÉM: A POBREZA, A DOENÇA E A CONVERSÃO

Raymundo Heraldo Maués  
Departamento de Antropologia/UFPA

CHESNUT, R. A. *Born again in Brazil: the pentecostal boom and the pathogens of poverty*. New Brunswick, New Jersey, and London: Rutgers University Press, 1997, 203 p.

A propósito do livro de R. Andrew Chesnut, deve-se levar em conta, inicialmente, a originalidade da pesquisa. Escolhendo como *locus* de seu trabalho de campo a cidade de Belém, um dos berços do pentecostalismo no Brasil, o autor fez uma pesquisa intensiva, não apenas documental (consultando, sobretudo, os arquivos da Assembléia de Deus/AD), mas também observando diretamente os cultos pentecostais e entrevistando um grande número de pessoas (fiéis pertencentes às classes populares, assim como ministros de diferentes *status* dentro da Igreja). Ao lado disso, consultou jornais locais, pesquisou diário, relatórios, estatutos, regulamentos, não se limitando apenas à AD, mas estendendo suas pesquisas a outras igrejas pentecostais, como a Igreja Universal do Reino de Deus/IURD, a Igreja do Evangelho Quadrangular/IEQ, a Igreja Deus é Amor/DEA, assim como levou em conta aspectos do catolicismo popular, da pajelança cabocla amazônica e das religiões de matriz africana presentes na cidade (frequentando, sobretudo, alguns terreiros de umbanda). De tudo isso resultou um belo livro, que se lê com prazer, por ser escrito num estilo agradável e por mostrar grande conhecimento e competência.

O livro está dividido em três partes. Na primeira, que trata do “espírito do Brasil”, o autor apresenta uma introdução, na qual discute os paradigmas do crescimento pentecostal na América Latina, citando, inicialmente, os trabalhos clássicos de Christian Lalive D’Épinay e Emilio Willems, que elegem o conceito de anomia para entender o pentecostalismo no Brasil e no Chile. Afirma que “muitos observadores contemporâneos têm rejeitado a teoria da anomia como crucial para o entendimento do *boom* do pentecostalismo, embora [até hoje] não

predomine qualquer paradigma teórico a respeito” (p. 4)<sup>1</sup>. Autores recentes, como Mariz (1994), tratando do pentecostalismo e das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), e Burdick (1993), que trata do pentecostalismo e da umbanda, ambos desenvolvendo suas pesquisas no Brasil, privilegiaram, no primeiro caso, a maneira como essas manifestações religiosas motivam os brasileiros a lidar com a pobreza e, no segundo, o conceito de “cultos de aflição”. Dois outros estudos, ainda na América Latina, mas fora do Brasil, não comparam, como os anteriores, o pentecostalismo com seus concorrentes próximos no mercado religioso: Stoll (1990) indica a opressão política, na Guatemala, como causa fundamental para o crescimento meteórico dos evangélicos, enquanto Martin (1990) procura explicar o crescimento evangélico por meio de fatores sociológicos e, embora evitando o termo anomia, retoma as idéias de Lalive d'Épinay e Williams segundo as quais o “pentecostalismo fortalece e oferece segurança às vítimas da modernização” (p. 5).

A proposta do autor de um novo paradigma para entender o rápido crescimento do pentecostalismo no Brasil e na América Latina tem relações com o citado trabalho de Mariz. Difere dele, entretanto, em alguns aspectos importantes. Para Chesnut,

a dialética entre doença relacionada à pobreza e cura pela fé proporciona a chave para entender o apelo do pentecostalismo no Brasil e na maioria da América Latina. Embora predominem as doenças somáticas sobre outras formas de aflição nas histórias de vida de meus informantes, eu expando o conceito de doença além das bases físicas para incluir as mais comuns expressões de problemas sociais presentes na periferia urbana. A mensagem pentecostal do poder de cura reverbera entre as classes populares, particularmente nas mulheres, cujas economias domésticas já precárias são debilitadas mais ainda pelo alcoolismo, o desemprego e o conflito doméstico (p. 6).

Isso, porém, não é suficiente para entender o rápido crescimento do pentecostalismo em Belém, desde a fundação da Assembléia de Deus em 1911, a qual se espalhou por toda a Amazônia e por todo o Brasil,

<sup>1</sup> Todas as citações foram traduzidas por mim, do inglês para o português.

transformando-se na maior Igreja pentecostal brasileira, em menos de um século. “Enquanto a dialética entre doenças da pobreza e cura pela fé permitiu a decolagem no plano dos crentes individuais, o hábil exercício do poder organizacional e político facilitou a rápida expansão da organização eclesial” (p. 6). Para demonstrar a validade do paradigma interpretativo que propõe, Chesnut constrói uma argumentação que se desenvolve ao longo de todo o livro, indo, portanto, além desta introdução, na qual ele é inicialmente indicado.

O primeiro capítulo do livro, integrando ainda a primeira parte, intitula-se “Uma história profética” e trata do berço do pentecostalismo em Los Angeles; da profecia sobre o Pará recebida nos Estados Unidos pelos missionários suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg e sua vinda para Belém, em 1910; da fundação, no mesmo ano, da Congregação Cristã do Brasil em São Paulo, por Luís Francescon; das divergências de Vingren e Berg com o pastor da Igreja Batista à qual tinham se vinculado e da fundação (em 1911) da Missão de Fé Apostólica, logo rebatizada como Assembléia de Deus (em 1918), em Belém; da decadência da produção de borracha na Amazônia (à qual correspondeu o *boom* do pentecostalismo em Belém); das perseguições movidas pela Igreja Católica ao pentecostalismo no Brasil (durante a fase de neo-cristandade estabelecida a partir da influência do Cardeal Dom Sebastião Leme); do crescimento da Assembléia de Deus nos anos 1940, quando ocorreu a 2ª Guerra Mundial e quando foi retomada, em razão da guerra, a exploração intensiva da borracha na Amazônia; e de uma fase mais recente, em que surgem novas Igrejas pentecostais no Brasil, em que a AD tem um crescimento surpreendente (ao mesmo tempo em que se burocratiza e se imiscui na política); até uma “era pós-moderna”, em que surge a Igreja Universal do Reino de Deus, classificada, por Chesnut, não mais como neo-pentecostal, nem como agência de cura divina, mas sob a rubrica de Igreja “pós-moderna”.

Na segunda parte do livro, intitulada “Exorcizando os demônios da pobreza”, o autor se fundamenta principalmente nas entrevistas colhidas junto aos fiéis (nos anos de 1993 a 1994), em que buscou obter suas histórias de vida, mas também nas páginas do jornal oficial da AD “O Estandarte Evangélico”, que publica testemunhos de fiéis sobre seus processos de conversão. Começa tratando de uma fase anterior à

conversão ao pentecostalismo, que pode ser caracterizada como um “mundo de doença”. A conversão, por sua vez, implica três fases: a crise, a cura e a adesão à AD, em que a pessoa se entrega a Jesus, aceitando sua afiliação à Igreja. O processo envolve procedimentos padronizados, que podem ser ilustrados pela seguinte citação:

Proclamando publicamente sua devoção a Jesus, José, Hezio e mesmo Luiza iniciaram o processo oficial de conversão. Depois do culto, o secretário da igreja registra os nomes dos neófitos e eventualmente os remete ao templo central, onde funcionários registram em fichas as estatísticas dos novos conversos. Estes passam alguns meses de preparação para o ritual que simboliza sua afiliação oficial à Igreja: o batismo. A preparação para o batismo varia grandemente, de acordo com a denominação escolhida, mas tipicamente envolve instrução sobre os fundamentos da fé através da escola dominical, visitas em suas casas feitas por membros da Igreja e participação regular nos serviços de culto (p. 89-90).

Há, porém, transformações importantes, que requerem mudança de vida não apenas no plano simbólico, mas também no que diz respeito ao comportamento manifesto:

Nas igrejas clássicas e em algumas modernas, onde se espera que os crentes se separem do mundo, os três ou quatro meses entre a conversão pública e o batismo também servem como um período probatório. As visitas em casa e as instruções dos membros estabelecidos socializam o neófito nas normas doutrinárias, de atitude e de comportamento. Normas de comportamento são particularmente concernentes aos assembleianos e àqueles pertencentes a Igrejas onde os crentes devem externalizar sua transformação íntima, declarando-se criaturas de Deus e não do mundo do pecado. Além de renunciar a todos os vícios, os homens devem substituir o uniforme das tórridas baixadas - o peito nu, shorts atléticos vivamente coloridos e sandálias de borracha -, por calças compridas, de preferência escuras e uma camisa de mangas compridas, para os cultos dominicais. Da mesma forma,

as meninas e as mulheres jovens devem renunciar a seus *tops* coloridos, *shorts* reveladores e mini-saias que as identificam como faveladas. Em seu uniforme de crente, composto por uma saia escura, abaixo do joelho, modesta blusa de manga comprida, cabelo comprido, geralmente preso por um coque, as mesmas proclamam sua adesão a Jesus, efetivamente se removendo da economia sexual da rua (p. 90).

É essa drástica mudança de vida e de comportamento que, segundo Chesnut, permite entender melhor o êxito da expansão pentecostal, por meio da cura e do processo de conversão, coisa que não acontece com outras formas religiosas, no catolicismo e nas religiões de matriz africana, onde pode ocorrer até a cura, mas não a mesma forma de mudança de vida, exceto, até certo ponto, na Renovação Carismática Católica (RCC) que, no entanto, pode ser pensada como uma forma de pentecostalismo.

Após a obtenção da cura, que necessariamente não é uma cura *tout court*, nem apenas física, seguida da adesão ao pentecostalismo, vem em seguida a manutenção da saúde obtida, por meio do êxtase espiritual, da ajuda mútua, da ideologia e da moralidade. O depoimento de uma informante, infelizmente retraduzido para o português, em decorrência da falta do original, é bastante elucidativo:

Ser pentecostal significa ser uma pessoa cheia de poder, um tipo diferente de pessoa, uma pessoa que vive em comunhão com Deus. Porque, para ter poder, temos de viver em comunhão com Deus. Assim, o pentecostal é uma pessoa cheia de poder, uma pessoa de poder real. Quando um crente realmente ora fortemente por uma pessoa possuída por demônios, os demônios saem imediatamente, e quando nós oramos por uma pessoa doente, a doença vai embora (p. 92).

Para Chesnut, esse depoimento, de uma mulher assembleiana de 25 anos, estudante de ensino médio, “identifica a essência de sua fé evangélica: o poder”. E esse poder é conferido pelo próprio Deus dos cristãos, por meio do chamado “batismo no Espírito Santo”, que confere ao fiel os dons dessa entidade espiritual, entre os quais um dos mais prezados é o dom de cura. Na verdade, nem todos os crentes conseguem

obter o batismo no Espírito, que costuma seguir-se ao batismo nas águas, mas a maioria o recebe. E aqueles que não conseguem recebê-lo sentem-se inferiorizados em relação aos demais crentes.

O batismo espiritual, juntamente com a conversão, emergiu como um dos momentos de definição nas histórias de vida de meus informantes. Alguns pentecostais belemenses não podiam recordar o número de filhos que tinham, mas podiam lembrar o momento preciso de seu batismo no Espírito Santo e o descreviam com tanto detalhe e emoção, como se ele tivesse ocorrido apenas algumas horas antes de nossa entrevista (p. 94).

A ajuda mútua é outro elemento fundamental para o crescimento do pentecostalismo e para a manutenção da saúde, nesse sentido amplo, de pertencimento a uma comunidade de fiéis que possuem o poder conferido por sua afiliação à Igreja e pelo batismo no Espírito. Outro depoimento transcrito por Chesnut ilustra bem esse fato:

Eu tive de fazer uma operação e duas semanas depois meu marido caiu doente com um problema de pulmão e não podia trabalhar. Os irmãos e as irmãs não podiam acreditar como ele ficou magro. Mas eu acreditava que isto era uma forma de Deus agir em nossas vidas. Naquele tempo havia um pastor muito bondoso e quando meu marido ficou doente o pastor reuniu a igreja e disse que nós precisávamos de ajuda e que não podiam nos negar essa ajuda. E, graças a Deus, foi uma bênção, não foi? Não faltou nada para nós em casa. Deus usou até pessoas que não eram crentes para nos ajudar. Uma irmã fez com que não nos faltasse carne em casa. Seu marido trabalhava com carne, e ela trazia carne para nossa casa. Outra irmã trazia um litro de leite por dia. E assim eu agradeço a Deus que tudo foi o cumprimento de Sua palavra. Depois de algumas semanas, ele [seu marido] recuperou-se e começou a trabalhar de novo para Jesus e também para nós (p. 104-105).

Ao lado disso, as mudanças no tocante à ideologia e à moralidade, proporcionadas pela conversão e pelo pertencimento à Igreja, trazem como consequência a melhoria no padrão de vida, na medida em que os escassos recursos obtidos por essas pessoas, na

maioria de baixa renda, deixam de ser dissipados na bebida, no jogo, nas aventuras amorosas fora do lar, na “festa mundana”. Mesmo que a conversão se restrinja às mulheres, já que são elas a maioria dos fiéis das Igrejas pentecostais, esse fato se reflete em benefícios para a economia doméstica.

A terceira e última parte do livro trata da “Igreja como instituição”. Nela se completa a argumentação que busca explicar o crescimento do pentecostalismo da AD, sobretudo em Belém, não apenas pela cura divina, pela conversão e pelos fatores que permitem a manutenção da saúde dentro da Igreja. Nesta parte, são acentuados dois pontos. Em primeiro lugar, a organização rigidamente autoritária da Igreja, com um poder altamente centralizado na figura do Presidente, personagem que a dirige a partir do Templo Central. E, em segundo lugar, a atuação político-partidária da Igreja, apoiando candidatos próprios para cargos eletivos e estabelecendo alianças com governos, no sentido de obter apoios financeiros e de outros tipos. Um dos pontos a que o autor do livro dá destaque diz respeito à aliança da AD belemense com os governos militares, no momento em que a Igreja Católica passou a exercer uma política de oposição ao regime, em grande parte devido aos conflitos no campo ocorridos na Amazônia, nesse período. A AD foi assim escolhida, pelas autoridades da época, segundo Chesnut, como aliada religiosa do poder. Por intermédio do poderoso ministro e ex-governador paraense Jarbas Passarinho, vultosos recursos financeiros governamentais teriam sido repassados à AD belemense (contrariando o princípio de separação entre a Igreja e o Estado), destinados não somente ao seminário dessa instituição, mas também à construção de seu imponente Templo Central, em troca de apoio político e religioso ao governo militar.

O livro de R. Andrew Chesnut é uma contribuição relevante para o conhecimento do pentecostalismo no Brasil e na América Latina, apresentando *insights* inéditos para a compreensão desse importante fenômeno social e religioso da contemporaneidade. Sua proposta de um novo paradigma para explicar o crescimento pentecostal, por meio de um estudo de caso, representa também uma contribuição importante aos estudos de antropologia da religião, o que recomenda a leitura e o estudo mais aprofundado de seu belo livro. Não podemos, no entanto, deixar de

referir nosso incômodo com a metáfora biologizante presente desde o título, quando o autor nos fala sobre os “patógenos” (*pathogens*) da pobreza. É verdade que a pobreza pode contribuir para a produção de doenças. Mas não só ela. Há também as doenças da riqueza, resultantes, por exemplo, da superalimentação, ou da alimentação inadequada, que pode ser produzida não apenas pela pobreza, mas também pela riqueza. Falar em “patógenos da pobreza” pode nos conduzir a pensar que a explicação do processo de cura e conversão ao pentecostalismo é algo dependente do biológico, quando, na verdade, e o próprio livro o demonstra, constitui um processo social e cultural complexo, que envolve, sim, um elemento físico ou biológico, o qual, no entanto, não é, de modo algum, determinante. Determinante é, sim, a condição social de pobreza, que produz a situação de doença, não apenas física ou somática, mas também psíquica e social, que pode ser (parcial ou totalmente) curada pela “terapêutica” pentecostal, contribuindo para um processo de conversão que implica uma importante mudança de vida que, em termos culturais e sociais, resulta no surgimento de novas personalidades (*selves*), renascidas pelo processo de conversão e, ao mesmo tempo, fortalecidas pela crença de estarem possuídas por um novo poder, o poder dessa entidade cristã que é o Espírito Santo.

## REFERÊNCIAS

- BURDICK, J. *Looking for God in Brazil*. Berkeley: University of California Press, 1993.
- MARIZ, C. *Coping with Poverty in Brazil*. Philadelphia: Temple University Press, 1994.
- MARTIN, D. *Tongues of Fire*. Oxford: Basil Blackwell, 1990.
- STOLL, D. *Is Latin America Turning Protestant?* Berkeley: University of California Press, 1990.

## RESUMOS/ABSTRACTS

### 1. O QUE A MULATA TEM A VER COM A SENHORA APARECIDA? – DISCURSOS SOBRE COR, RAÇA E GÊNERO NO BRASIL (NA VIRADA DO SÉCULO XIX E DO XX)

Resumo: No final do oitocentos, jornais das elites brancas que circulavam em Belém exibem em suas páginas elementos do processo de construção da *mulata*, categoria social que combina duas perspectivas – gênero e raça –, compondo, assim, a personagem que tem uma trajetória peculiar na interpretação da sociedade brasileira. Quase um século depois, na última década do novecentos, uma revista editada por negros bem sucedidos, no seu processo de ascensão social, exhibe, indistintamente, negras (e o que se poderia chamar) mulatas, pretensamente juntando-as numa só rubrica: mulheres negras, adjetivadas positivamente, revirando as coisas (?) e promovendo o orgulho da “raça”. A partir daí, a idéia do trabalho é discutir alguns aspectos desse longo processo de construção e reconstrução – que inclui um instigante contraponto com o processo de construção da padroeira do Brasil – privilegiando, no discurso sobre a mulher negra (pensada/referida ou não como mulata), adjetivações que o sinalizam. Palavras-chave: Gênero. Cor. Raça. Negro. Mulata.

### WHAT DOES THE MULATA HAVE TO DO WITH APARECIDA SACRED? SPEECHES ON COLOR, RACE AND GENDER IN BRAZIL (IN THE TURNING OF THE XIX AND OF THE XX<sup>th</sup> CENTURY)

In the end of the eight hundred, newspapers of the white elites that circulated in Belém exhibit in their pages elements of the process of the mulata's construction, social category that it combines with two perspectives - gender and race - composing like this the character that has a peculiar path in the interpretation of the Brazilian society. Almost one century later, in the last decade of the nine hundred, a magazine edited for black well happened, in their process of social ascension it exhibits faintly black (and what we could call) mulata, supposedly joining them in only one initials: black women, named positively, turning the things (?) and promoting the pride of the "race." Since then, the idea of the work is to discuss some aspects of that long construction process and reconstruction - that includes an curious counterpoint with the